

SOBRE O SUJEITO FLUENTE

ESTER M. SCARPA
(IEL/UNICAMP)

“... having words at one’s command”
(Dicionário Webster, verbete sobre “fluência”)

Começo por um fato quase que do senso comum: o de que há uma fase da criança pequena em que ela “gagueja”. Esta fase coincide com complexidades sintagmáticas dos enunciados mais longos (na literatura já teve o nome consagrado, mas atualmente considerado não muito apropriado de “enunciados de duas ou mais palavras”)¹. Tais fenômenos têm a ver com o que se considera “fluência”; a faixa etária privilegiada para sua ocorrência vai aproximadamente de 2 a 4 anos. Os fonoaudiólogos chamam estes fenômenos de “gagueira fisiológica”, isto é, ela dura algum tempo e, se perdurar depois de certa idade (segundo critérios de fluência por faixa etária), é motivo de preocupação dos pais e objeto de procedimentos a que são submetidos os distúrbios de fala pelos profissionais da área.

Mas a que fenômeno ou conjunto de fenômenos o conceito de fluência se vincula?

Quando se buscam, na literatura, definições sobre a fluência, nota-se que os lingüistas desaparecem. Se, por um lado, os lingüistas relegam a uma posição secundária suas reflexões sobre a fluência, por outro as afirmações sobre “pobreza de estímulo” estão na base dos argumentos sobre o conhecimento lingüístico. Antes de explorarmos esta questão, é bom percorrer alguns caminhos pelos quais a noção de fluência tem passado e observar as “lealdades teóricas” (cf. Couper-Kuhlen, 1982) com as quais eles se perfilam.

Se à lingüística este assunto tem despertado pouco interesse, os estudiosos de distúrbios da fala têm se dedicado mais a ele. Na verdade, grande parte dos estudos sobre definição, limites e critérios de avaliação de fluência tem sido realizada por

¹ Tem sido frisado na literatura que esta expressão é gramaticalmente inadequada, sobretudo pela não-coincidência entre as unidades da fala infantil com as palavras - gramaticais ou morfológicas - da língua adulta (Peters, 1983; Plunkett, 1993). Deve também ser apontado que a expressão é prosodicamente equivocada. Os assim chamados “enunciados de uma” ou “de duas palavras” constituem uma unidade rítmico-entonacional coincidente com o domínio prosódico do enunciado entonacional ou grupo tonal (ver nota 3).

foniatrás, fonoaudiólogos e outros profissionais da área, que se viram instados a aprofundar o conceito de fluência por causa do extremo de sua negação, isto é, a gagueira.

EM BUSCA DO CONCEITO DE FLUÊNCIA

A postura mais utilizada quando da definição da fluência, quer seja elaborada por lingüistas, psicolingüistas ou fonoaudiólogos, é o caminho de sua negativa, consubstanciada nas palavras de Hedge (1978, apud Finn & Ingham, 1989):

“fluência é melhor definida como uma unidade de resposta *destituída de disfluências, prolongamentos e pausas*” (pag. 92; grifo meu).

A definição pela negativa explica parcialmente o fato de que a grande concentração de trabalhos ou reflexão sobre a fluência se encontra, na verdade, no campo de estudo dos distúrbios e da terapia da fala. Os fonoaudiólogos e foniatrás se interessam pela gagueira - ou pelos “distúrbios de fluência” - isto é, pelos casos em que o centro do interesse do investigador é exatamente explorar as causas e características da face desviante (ou “patológica”, com todo o peso que este termo envolve) da disfluência, o oposto radical do termo neutro e ideal da fluência. Começemos por eles.

Os foniatrás e fonoaudiólogos.

Finn & Ingham (1991) apontam, entre outros problemas suscitados pela definição do termo na sua negativa, que, apesar de ser esta uma postura adotada por muitos pesquisadores, esta definição não deixa claro se ela identifica uma fala que os ouvintes interpretariam como fluente nem se tal definição se refere à fala normalmente fluente. Isto é, parece que a produção e o produto da fluência (ou da disfluência) demandariam, desde o princípio, especificidades de abordagem e, portanto, de definição ou domínio. A dicotomia está proposta desde o início, na assunção de que o que o ouvinte interpreta como fala fluente deve se distinguir necessariamente da “fala normalmente fluente”.

Outra afirmação intrigante na área, que revela a dificuldade de se lidar com este tópico, é a de que a fluência parece ser um fenômeno “de fácil compreensão”, mas cuja noção é resistente a uma definição “direta e não-ambígua” (Finn & Ingham, 1991: 92). A perplexidade dos estudiosos aumenta quando se perguntam a que traços **audíveis e visíveis** tal presumida facilidade de reconhecimento se compatibiliza, se, inegavelmente, segundo os autores,

all of us have "in our heads" a good idea of what fluency looks and sounds like. (...) we can recognize fluency when we see and hear it.

(Adams, 1982, apud Finn & Ingham:92).

Em outras palavras, sendo os traços de fluência/disfluência tão materiais e comportamentais, a falta de uma mensuração adequada complica ainda mais sua definição, segundo os autores. Daí que desconfiam (com razão, como veremos), que os “significados vinculados ao termo estendem-se para além da produção dos enunciados” (Finn & Ingham, op. cit., pag 92). Desta decorre uma outra afirmação corrente, a de que a fluência deve ser encarada como um “barômetro para o sistema de fala como um todo, cujos limites são estabelecidos pela adequação do desempenho das dimensões semântica, sintática, morfêmica e prosódica da fala” (Perkins, 1971, apud Finn & Ingham). Sem nos perguntarmos o que os autores entendem por “dimensões semântica, sintática e morfêmica da fala”, o fato é que, apesar de que o espaço privilegiado para a ocorrência do fenômeno em questão seja a fala, o que ocorre é que na quase impossibilidade de se mapearem adequadamente os aspectos mensuráveis da fluência tais que a distingam inequivocamente da disfluência, concluem Finn & Ingham (1989) que as dificuldades advêm do fato de que os fenômenos em questão ora são considerados como pertencentes à fala, ora à língua(gem).

A mensuração de fenômenos que indicam fluência/disfluência tem sido, porém, uma âncora considerada segura na caracterização de limites entre gagueira e não-gagueira, na fala inicial. Apesar da dificuldade de se obterem dados confiáveis comparativos da fala disfluenta de crianças não-gagas com a daquelas que desenvolvem gagueira, na faixa etária de mais ou menos 2 a 4 anos, especialistas da área concluem pela justaposição entre os dois grupos, havendo pouca ou virtualmente nenhuma possibilidade de distinção entre a disfluência do gago e do não-gago em estágios incipientes de gagueira (Yairi & Lewis, 1991). Os traços arrolados que serviram de base para as medidas comparativas foram pares binários compostos das seguintes categorias:

- interjeições;
- repetição de parte de palavra;
- repetição de palavra de uma sílaba;
- frase incompleta ou retomada;
- fonação disrítica;
- pausa tensa (isto é, preenchida);
- repetição de palavra polissilábica;
- repetição de frase ou sintagma.

Tais categorias, utilizadas para a fala infantil, têm sido as mesmas que as arroladas para a mensuração do fenômeno de fluência/disfluência na fala adulta.

Os lingüistas.

A definição pela negativa não se deve só ao estudo do padrão normal da fluência para a contraposição comparativa com a gagueira. Na verdade, entre os lingüistas a busca das dicotomias também contribui para a atribuição de um papel explícito para a disfluência e outro, tácito, para a fluência.

Entre os lingüistas, o artigo de Fillmore (1979) permanece uma voz quase solitária na consideração do problema. Mesmo assim, o autor admite que o conceito de fluência, quando reconhecido como digno de estudo,

“is generally reserved for explaining the language behavior of the very young, the foreign or the speech-impaired” (pag. 88).

A fluência torna-se objeto de sua reflexão no bojo das discussões polêmicas sobre os conceitos de competência e performance nos anos 60 e 70. Mais especificamente, preocupa-o a indagação sobre como as questões de variação são formuladas dentro da lingüística teórica. Suas considerações sobre o tema separam, assim, o conceito de fluência da linguagem dos conceitos e definições baseados em motricidade. Assume que o tema tem a ver com diferenças individuais no exercício do comportamento lingüístico, opondo, desde o início, conhecimento e uso. A imperfeição do *input* está fora do “conhecimento lingüístico”; portanto, a questão da fluência/ disfluência nele não encontra estatuto. Já o uso acolhe tal problemática porque ele cuidará de variação e de diferenças individuais. Explora, então, a idéia de que há níveis de *accomplishment* lingüístico ao longo de várias dimensões, que distinguem um falante do outro; tais diferenças formam um contínuo limitado por casos claros como os das crianças e os dos portadores de distúrbios de fala.

Concentrando-se no aspecto da produção, e assumindo uma atitude confessadamente informal frente ao assunto, Fillmore admite que a palavra “fluência” recobre uma vasta gama de habilidades lingüísticas, cujas pistas podem ser sugeridas por termos descritivos como “(pessoa) articulada”, “eloqüência” ou “habilidade” (*wit*). Deste ponto de vista, arrola quatro tipos de fluência. O primeiro tipo é a habilidade/capacidade de falar extensamente, com poucas pausas, de preencher o tempo com fala. Uma pessoa assim fluente não pára muitas vezes para pensar no que dizer ou em como dizê-lo. Exemplo típico deste tipo de fluência são profissionais como *disc-jockeys* ou locutores esportivos.

Já um segundo tipo de fluência tem a ver com o domínio dos recursos sintáticos e semânticos da língua: é a habilidade de falar com sentenças/enunciados coerentes, pensados e “semanticamente densos”.

A habilidade de ter coisas apropriadas a dizer numa variada gama de contextos é o que caracteriza o terceiro tipo de fluência arrolado por Fillmore. Uma pessoa assim fluente sempre diz a coisa certa, está “verbalmente à vontade” em vários tipos de situações conversacionais. Segundo Fillmore, uma pessoa não fluente deste ponto de vista pode estar à vontade em certas rodas familiares ou íntimas, mas ficará de língua presa na presença de estranhos ou sempre que confrontada com uma crise inesperada de interação humana.

Um quarto tipo de fluência tem a ver com a habilidade de demonstrar uso criativo e imaginativo da linguagem, de expressar as idéias de modo diferente, no uso de trocadilhos, na criação de metáforas, etc.

Como se vê, a palavra “fluência” tem acepções radicalmente diversas quer seja ela interpretada do ponto de vista da motricidade, quer do ponto de vista do fluir informativo do texto oral ou do desempenho no uso da linguagem. Ainda outra acepção pode ser inferida pelo critério de “fluência” com o qual Plunkett (1993), seguindo Lindblom (1985), trabalha para decidir sobre tipos de unidades da fala infantil. Sua definição também é negativa, além de, a princípio, um tanto impressionística e pouco esclarecedora:

*fluency refers to the level of integration of a sequence of phonemes that differentiates a smooth from a halting performance*² (destaque meu).

Esta imprecisão, no entanto, é atenuada pelas referências aos processos constitutivos da dinâmica da fala pelos quais os foneticistas tratam, de modo mais integrado, do problema. Plunkett (1993) atribui a Lindblom (1985) a visão de que as dimensões de precisão articulatória e fluência estão inversamente relacionadas: sob condições que requerem fala articulada com precisão, a fluência tende a se deteriorar, ao passo que a articulação se deteriora quando é requerida alta fluência. Em outras palavras, é difícil falar rápido e acuradamente ao mesmo tempo. Este tipo de relação de troca entre precisão articulatória e fluência é explicada como uma propriedade emergente da dinâmica auto-organizadora do processamento fonético.

O argumento fonético se organiza segundo princípios desenvolvidos em Lindblom (1990a e b). Os gestos fonéticos são adaptativos e maleáveis às demandas de mudanças de estilo de fala de rápido para vagaroso, baixo para alto, informal para claro, bem articulado, íntimo para público. Falamos de modo diferente quando nos dirigimos a estrangeiros, bebês, computadores e pessoas com problemas de audição. Modulamos nossa fala, mesmo involuntariamente, em resposta a fatores fisiológicos e emocionais. A variação fonética abunda se comparamos amostras de fala de um mesmo indivíduo ou vários falantes. Laver (1980) arrola um grande número de configurações (“settings”) articulatórias que dão conta não só da dinâmica da produção dos sons da fala (de um ponto de vista segmental), mas também de inúmeras combinações das posturas articulatórias que compõem as qualidades de voz superimpostas, ou melhor, concomitantes à cadeia de fala, quer como recursos que fogem ao controle do falante (idade, sexo, timbre de voz), quer como recursos maleavelmente arregimentados para expressar efeitos de sentido ou estados emocionais (voz rouca, rangida, ofegante, etc.). E, no entanto, por outro lado, a fala é adaptativa. Sub-utiliza os assim chamados “graus de liberdade” disponíveis em princípio. Não lança mão de recursos mais potentes nem maiores do que o necessário.

² Fluência refere-se ao nível de integração de uma seqüência de fonemas que diferencia um desempenho que flui macio, de um (desempenho) aos trancos.

Não é mais elaborada do que precisa ser. A fala normal é, segundo Lindblom, um “*pianissimo* fisiológico”, o que aponta para o fato de que aparentemente severas restrições governam a seleção de valores linguístico-fonéticos. Segundo Lindblom, estas restrições não repousam na invariância do sinal. Esta não é nem necessária, nem suficiente para o acesso lexical, uma vez que a estrutura das línguas exibem redundâncias. Além disso, percepção da fala é um produto de dois tipos de informação: a voltada ao sinal e a independente do sinal; neste último caso, a informação relevante é de natureza sobretudo linguística. Deslocando o perceptual para a língua, Lindblom hipotetiza que tais restrições têm a ver com o princípio de contraste perceptual suficiente que, por sua vez, encontra-se em tensão com o princípio da simplificação articulatória, que diz, resumidamente, o seguinte: os gestos fonéticos não são feitos mais distintivos do que precisam ser; a fala evita gestos articulatoriamente extremos (por exemplo, pode-se pronunciar um [i] com a mandíbula abaixada, mas este é um esforço inútil, portanto descartável). A tensão entre estas duas restrições - ou, em termos mais econômicos, entre simplicidade e complexidade articulatória - estão na gênese dos processos fundamentais de dinâmica da fala. Tal tensão (ou “equilíbrio”) indica que, quando demandas por contrastes perceptuais diminuem, o gesto se simplifica, cedendo lugar à disfluência.

Conclui-se, assim, que fluência/ disfluência estão na base dos mesmos processos dinâmicos de processamento da fala. Os mesmos processos que geram uma, geram também a outra.

Os foneticistas, integrando os contrários no seu objeto de estudo, têm uma visão de fluência colocada em termos mais positivos. Uma postura semelhante à de Lindblom com relação à dinâmica da fala é encontrada também em Abercrombie (1967).

Passemos, então, a examinar o assunto com dados da linguagem infantil.

FLUÊNCIA/DISFLUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Nos dados dos sujeitos por mim analisados, que abarcam a faixa etária de aproximadamente 22 meses a 3 anos, as disfluências manifestam-se pelos seguintes traços:

- falsos começos;
- inserção de sílabas;
- pausas no interior do enunciado, às vezes fora do lugar esperado (ex: no meio de sílaba), seguidas ou não de oclusão glotal;
- divisão do enunciado em blocos rítmicos;

- variações ou flutuações na velocidade de fala : lentificação em algumas partes e aceleração em outras; o fim do enunciado é mais rápido e menos sujeito a interrupções do que o começo; nota-se que o acento frasal se encontra, normalmente, na porção final do enunciado;
- modificação na duração das vogais e de algumas consoantes;
- variações na qualidade de voz (como a produção de voz rangida, por exemplo).

Nota-se que são características da forma fônica que têm a ver com a configuração prosódica e paralingüística do enunciado³ e que fazem parte, como veremos, de ajustes prosódicos da fala observada.

Quais são os privilégios de ocorrência deste tipo de enunciado? Em outras palavras, como se distribuem “fluência” e “disfluência” na fala de crianças da faixa etária considerada? Pouco se sabe, na literatura, sobre este assunto. Em todo caso, num levantamento preliminar, chego a algumas conclusões.

A “fluência” encontra-se presente em pares adjacentes ritualizados, enunciados estereotipados, familiares, congelados, muitas vezes em situação de especularidade imediata, em expressões que exibem maior estabilidade. São as chamadas “expressões formulaicas” (Peters, 1983; Peters & Menn, 1993), incorporadas como um bloco da fala do interlocutor, não analisáveis ou discretizáveis em unidades gramaticais menores. A este propósito, aliás, Peters (1983), apoiada por Plunkett (1993), afirma que as expressões formulaicas são produzidas de maneira fluente pelas crianças. E, numa estratégia metodológica inversa, Plunkett (1993) apoia-se na fluência (definida em termos fonéticos, como vimos acima) como critério metodológico para classificar os enunciados de crianças pequenas como unidades hipersegmentadas ou sublexicais (*overshoot*), hipossegmentadas (*undershoot*) e lexicais propriamente ditas. As expressões formulaicas são as hipossegmentadas, que exibem pobreza articulatória, mas aumento de fluência e velocidade de fala.

Prosodicamente, as partes mais fluentes do enunciado são aquelas coincidentes com o chamado “acento frasal” ou núcleo do grupo entonacional⁴, isto é,

³ Com relação à prosódia, basta que nos reforcemos, no momento, a parâmetros como duração, intensidade (amplitude), altura (frequência), velocidade da fala, pausa e alguns outros que constituem subsistemas suprasegmentais com variadas potencialidades distintivas ou significativas nas línguas naturais. Combinados, estes parâmetros também são responsáveis pelos subsistemas de ritmo e entonação. Uma característica reconhecidamente básica da prosódia é sua não-linearidade, isto é, domínios prosódicos sobrepõem-se uns aos outros com regras tanto modulares quanto com abrangência hierárquica; o caráter não-linear dos elementos prosódicos compatibiliza-se com sua natureza não-discreta: isto é, não são redutíveis a unidades segmentais. Além disso, apesar de hierárquicos, os elementos prosódicos não têm relação isomórfica com constituintes gramaticais ou com categorias semânticas.

⁴ Grupo tonal (Halliday, 1967), unidade tonal (Crystal, 1969), unidade entonacional (Cruttenden, 1986), enunciado prosódico (Nespor & Vogel, 1986), enunciado fonológico (Selkirk, 1984) referem-se, salvas as especificidades teóricas que dão origem a tais termos, a mais ou menos a mesma unidade entonacional ou “unidade informacional” (Halliday, 1967).

aqueles centros de proeminência prosódica que revelam sinais de estabilidade formal do enunciado numa fase bem precoce de aquisição da linguagem (ver, a este respeito, Scarpa, 1994).

Já trechos que exibem “disfluência” têm seus privilégios de ocorrência, de modo geral, em instâncias que revelam complexidades a nível sintático-semântico ou discursivo-pragmático, nesta fase de desenvolvimento lingüístico. Assim é que há tendência à disfluência em tentativas de conversão de discurso direto a indireto e vice-versa, primeiras tentativas de relatos de experiência pessoal, início de um tópico conversacional pela criança, ou quando tenta responder, com expressões não-cristalizadas, a perguntas polares ou qu- (os primeiros pares adjacentes pergunta-resposta na fala dos sujeitos são pares cristalizados, não-analisados; aqui, trata-se de um etapa posterior, quando a criança começa a quebrar os primeiros blocos não-analisados).

Entonacionalmente, deve ser notado que há disfluência maior nas partes não nucleares do tom (ou do grupo tonal), ao passo que, como vimos, maior fluência ou estabilidade fônica ocorre nas partes nucleares do grupo tonal (isto é, as que correspondem, *grosso modo*, ao chamado acento frasal).

O excerto de diálogo abaixo é providencial: ilustra trechos de “fluência” (linhas 3, 5, 7, 9, 12 e 13) e de “disfluência” (linhas 1 e 10), cujos contextos de uso exemplificam alguns dos privilégios de ocorrência delineados acima. A linha 9 mostra um enunciado interrompido, produzido em situação de especularidade imediata.

Transcrição fonética
Criança

Transcrição cursiva
Criança e adulto.

suss	
1. Cr. ela vai pika'eli// vð / vai // fet ? / tð	Ela vai pega(r) ele// va/ vai// fet// ta
2. Adulto.	Hm?
3. Cr. udo'd i deli 'la	O dodói dele lá.
4. Adulto.	Dodói de quem?
5 Cr. ?udupo'po	O do popô (= chupeta)
6. Adulto	Do popô? Ai, coitadinho! O popô tá com dodói?
7. Cr. e	É...
8. Adulto	Ah, é mesmo, o popô tá quebrado. Deixa eu ver. Tá lá no chão?

- 9 . Cr. ta'la: ≡ (Es)tá lá.
- 10 . Cr. u mpi /?/ ?u mpik //u mpekace/ 'eli // ?ε ubili'kəu'eli
O home(m) pe // o home(m) pec// o
home(m) pega ele // é um beliscão
ele.
11. Adulto. O homem pega ele e dá um beliscão
nele?
- 12 . Cr. ε É...
13. Cr. kotadindupo'po Coitadinho do popô!
14. Adulto Coitadinho, né? Que judiação, fazer
isso com o popô!

(2;0.12)

OBS. Notações:

- / pausa de duração pequena ou média
// pausa mais longa, com respiração e/ou preenchida com oclusão glotal
voz rangida (“creaky voice”)
consoante “lenis” ou de articulação frouxa
_ (sob o segmento) desvozeamento.
≡ interrupção
suss (= sussurro) indicação de traço paralingüístico (qualidade de voz)

De modo geral, portanto, trechos fluentes são os já ajeitados, conhecidos, analisados ou - na grande maioria dos casos, congelados, vêm em bloco. Os disfluentes são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado. Autoria vs. não-autoria, discurso próprio vs. discurso do outro parecem ser também traços que vale a pena levantar enquanto hipótese de elaboração formal dos enunciados nesta faixa etária.

De qualquer maneira, a fluência tem sido pareada, na literatura da área, com a noção de produtividade: é produtiva a sequência fluente e não-produtiva a não-fluente. É um pareamento problemático, uma vez que a própria produtividade, junto com a de criatividade, com a qual vem constantemente aliada, são noções que estão longe de resolvidas.

Quanto ao **estatuto teórico** dos fenômenos referidos, é intrigante a maneira como a questão tem sido tratada, apesar da marginalidade teórica que lhe é atribuída, ou do silêncio embaraçoso de que se reveste.

No campo da Aquisição da Linguagem, a importância ou irrelevância metodológica e epistemológica destes fenômenos tem sido reconhecida por uma gama bem variável de abordagens.

Do ponto de vista da linguagem a que a criança está exposta, a disfluência do *input* tem sido invocada como base empírica do argumento da “pobreza do estímulo” e da “degeneração dos dados”. A metáfora chomskiana do problema de Platão, consubstanciada pela indagação:

“How comes it that human beings, whose contacts with the world are brief and personal and limited, are nevertheless able to know as much as they do know?”

(Chomsky, 1986: xxv)

coloca que contactos transitórios e pobres com a experiência - aí incluindo tanto dados degenerados quanto estímulo pobre - não explicam o conhecimento da linguagem e demandam o apelo à noção de dotação biológica inata na espécie.

Em trabalhos recentes sobre “ancoragem” (*bootstrapping*), uma questão tem sido colocada sobre os elementos do *input* que seriam desencadeadores de parametrização: as pistas prosódicas perscrutadas pela criança para servirem de gancho para a gramática incluem ou não disfluência? Os pesquisadores da área deparam-se com este problema para descartá-lo em seguida; usam como critério operacional “trechos fluentes” do *input*. Coloca-se então, a necessidade de descrever ou definir o que seja o *input* fluente. A definição tem vindo pela negativa e o argumento é circular. A idéia é que a criança já “sabe” como separar o joio do trigo e como limpar a área do material disfluente, supérfluo e descartável. A controvérsia, então, está estabelecida: se há informações (genéticas?) para editar a disfluência da fala, então como fica a própria questão da ancoragem, que prevê que a criança nasce equipada com a Gramática Universal, constituída de princípios e parâmetros fixados pela experiência? Além disso, alguns problemas práticos e metodológicos se colocam: se a criança tem meios de ignorar as disfluências, como, baseando-se no material fônico do *input*, vai ela reconhecer uma pausa não preenchida de hesitação (indicadora de disfluência) de uma pausa de elaboração (considerada própria de textos fluentes)? Isto é, como vai ela separar trechos bons, candidatos a ancoragem (i. e. que desencadeiam conhecimento sintático) de trechos maus (irrelevantes para o gatilho sintático), se prosodicamente são superficializados da mesma maneira? E se os distingue previamente, qual é a utilidade do perscrutar do *input* como gatilho sintático?

Do ponto de vista da linguagem produzida pela criança, estes fenômenos têm servido de argumentos extra para a indeterminação, flutuação e falta de controle fonológicos da fala inicial. O espaço de interesse destes fenômenos apontam para

processos não-lineares na aquisição da fonologia e para a variabilidade de processos fonológicos dependentes da prosódia.

É bom lembrar que a aquisição da linguagem (mais especificamente, a aquisição da fonologia) foi uma das áreas pioneiras na descaracterização do segmento como unidade operacional dentro da fonologia, pela profusão de evidências de não linearidade da massa fônica. Cito, a este respeito, dois trabalhos pioneiros: Menn, 1976, que se refere à extrema flutuação e indeterminação do segmento na fala da criança pequena; ou Waterson, 1971, que advoga abordagens não-segmentais no estudo da aquisição da fonologia, seguindo a tradição da fonologia prosódica firthiana. Assim, na observação dos dados infantis (oralidade em construção, portanto), patenteou-se a dificuldade de se utilizar o fonema como unidade operacional, assim como a fonologia prosódica inglesa dos anos 40 já o havia demonstrado à luz da observação de dados de línguas de povos que possuem escrita não-alfabética ou de línguas ágrafas.

Nos dados que tenho à mão, os fenômenos referidos são melhor interpretados como ajuste prosódico, sobretudo de cunho rítmico (isto é, vinculados à organização temporal da fala), na elaboração de enunciados mais longos e mais complexos discursivamente. Estruturalmente, coincidem com a ocorrência de outros fenômenos fonológico-prosódicos na fala dos sujeitos, na mesma faixa etária. Trata-se de fatos fonológicos cujo escopo é maior que o segmento ou a sílaba. São eles:

- harmonia vocálica;
- inserção de oclusiva glotal antes de uma entonação ascendente ;
- sons preenchedores : sílabas ininteligíveis, preenchedoras de uma matriz entonacional ou uma unidade rítmica, ou uma matriz entonacional ou rítmica dando suporte a fragmentos em bloco extraídos do discurso do interlocutor.

Uma das decorrências teóricas da interpretação da disfluência infantil como “gagueira fisiológica” é que a criança deve superar a disfluência rítmica (a não ser em casos desviantes que resultam em gagueira adulta). Em outras palavras, a criança disfluente dá lugar ao adulto fluente, isto é, a um estado estável em que a disfluência é considerada acidental, secundária e desviante da norma.

E como é a fala adulta com relação à fluência/ disfluência?

FLUÊNCIA NA FALA ADULTA

Aí também a disfluência tem sido considerada o termo marcado, desviante, vinculada a outro termo marcado: problemas de elaboração ou processamento (planejamento), normalmente de memória, de acesso lexical , isto é, dificuldade lingüística ou psicolingüística. Fluência é o termo não marcado e considerado ideal,

ao passo que disfluência é o problemático. Correlaciona-se com o conteúdo informacional do texto.

Características da disfluência têm sido descartadas como não dignas de serem tomadas seriamente do ponto de vista lingüístico. Têm sido vistas como acidentes de percurso na elaboração textual e que devem ser ignoradas tanto pelo pesquisador quanto pelo ouvinte.

Exceção deve ser feita à pausa, um elemento prosódico que, pelo valor tanto textual como potencialmente sintático, tem merecido a atenção dos investigadores.

Segundo Cruttenden (1986), as pausas parecem tipicamente ocorrer em três lugares do enunciado:

- (i) em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeito e predicado. Há uma correlação entre o tipo de fronteira de constituinte e a duração da pausa - quanto maior (mais importante) a fronteira, mais longa será a pausa. As pausas tendem a ser mais longas nos pontos em que as fronteiras de constituintes envolvem um novo tópico.
- (ii) antes de palavras de alto conteúdo lexical (isto é, “pontos de probabilidade transicional baixa”). Este tipo de pausa tipicamente ocorre antes de uma fronteira menor (menos importante) de constituinte (por exemplo, entre um determinante e a cabeça do sintagma seguinte). Indica, geralmente, “dificuldade de encontrar a palavra”. Pode ser preenchida ou não.
- (iii) depois da primeira palavra de um grupo entonacional (posição típica de outros ‘erros de performance’), como por exemplo, correções de falsos começos e repetições.

As pausas do tipo (i) (ii) devem ser geralmente tomadas como “fenômenos de hesitação”. Não se espera que ocorram antes do núcleo de um grupo entonacional, posição prosódica considerada “ótima” para propiciar acesso lexical.

Utilizando dados do português brasileiro, Scliar-Cabral, Martim & Chiari (1981) estudam o fenômeno de pausa e hesitação na fala espontânea, selecionando instâncias de pausas vazias, plenas (preenchidas), truncamento (falsos começos) e repetição. Assinalam duas funções principais das pausas: aquelas para codificar o enunciado, guiadas por fatores como familiaridade do falante com o tópico, controle da situação, status dos interlocutores, etc) e pausas integrantes dos traços de conversação: recursos fáticos para obter retro-alimentação do interlocutor, manter e tomar o turno, etc. Chegam à conclusão de que o maior número de pausas de codificação ocorre antes da supra-sentença (“unidade textual definida por um mesmo tópico, em torno de uma ideação”, “um trecho de fala entre duas macro-junturas”), ou de unidades hierarquicamente menores: sentença, oração, frase e palavra, ou ainda depois da(s) primeira(s) palavra(s), ao passo que o maior número de traços de conversação ocorre no final da supra-sentença, ou nas junturas gramaticais que marcam o término de constituintes maiores.

Trabalhos sobre o português oral têm sido empreendidos nos últimos anos, como parte de Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF) e que podem ajudar a esclarecer a questão em pauta. Refiro-me a pesquisas sobre as características de

composição (ou elaboração) e planejamento do texto oral, realizadas por Koch & Perez (1992) e por Marcuschi (1993), numa abordagem lingüística textual-interativa.

Segundo Koch & Perez, na linguagem oral, um texto consiste, pelo menos em parte, na própria produção do texto. Fenômenos típicos de interrupções, reinícios, correções, paráfrases, repetições, hesitações, etc. o apresentam em constante *statu nascendi*. As autoras consideram como elaborações à primeira vista problemáticas:

- no plano formal (fônico):
Hesitações, pausas (preenchidas ou não), interrupções do fluxo de fala, cortes oracionais, repetições de sílaba, falsos começos, etc. São disfluências 'on line' isto é, acontecem *pari passu* com a hierarquização discursiva.
- no plano informacional (do conteúdo), caracterizam-se por desvios da linearidade do fluxo informacional: paráfrases, repetições, retomadas, auto-correções, digressões tópicas, inserções, etc.

Estes dois tipos de "disfluências" interagem. Por exemplo, em formulações altamente fluentes do ponto de vista formal, encontram-se paráfrases e repetições (auto-repetições, no caso de uma elocução formal) que não visam absolutamente a corrigir "problemas" de formulação, mas, pelo contrário, desempenham funções importantes - retóricas, argumentativas, didáticas. Também em textos falados que são diálogos, o desenvolvimento do tópico é todo permeado de retomadas, digressões, repetições do discurso do interlocutor ou de sua própria fala, etc.

A hipótese das autoras é que as disfluências, ao invés de serem problemas de formulação, são, na verdade, constitutivos da fala. São estratégias de que o falante lança mão para a construção do texto oral. Num dos textos julgados ou avaliados (por observadores independentes) dos mais fluentes do corpus, uma medida aproximada dá conta de que 1/3 do texto é fluente - o resto é disfluente quer do ponto de vista fônico/ motor, quer do ponto de vista informacional. Trata-se de uma elocução formal de São Paulo, em que uma professora, considerada "altamente fluente" por avaliadores do projeto, dá uma aula de arqueologia. Eis trechos do corpus, em que a informante se utiliza de certas estratégias de elaboração resultando num texto aparentemente "disfluente", mas absolutamente aceitável. As autoras apontam os seguintes casos.

1) Diminuição do ritmo do fluxo informacional, de modo a permitir que os alunos acompanhem melhor o raciocínio e possam assimilar a informação que está sendo veiculada:

então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse período... é baseado em pesquisas... arqueológicas ... é baseada em pesquisas... etnográficas... em pesquisas ... no campo da arte ... mas uma série de coisas são suposições.

2) Classificação ou complementação das idéias que estão sendo expostas:

... e isto DEve ter dado uma sensação ... de domínio sobre a natureza ... que no final das contas toda a evolução humana ... não deixa de ser exatamente a evolução do domínio que o homem tem sobre a natureza ... a possibilidade que ele tem de manipular as coisas em seu próprio proveito... certo ?

3) repetições em questões retóricas:

por que o bisonte e não o touro? por que a gente tá falando em bisonte e não o touro?

Outros casos de hesitações, interrupções e repetições podem ser vistos no mesmo texto:

então numa vida deste tipo, a preocupação principal está centrada na sobrevivência... não dá tempo assim para minhocar coisas muito exotéricas ... de ficar pensando no sentido da vi::da ... se o rock é melhor do que o chori::nho ... se::: meu Deus do céu como eu vou educar meu filho para ele estar preparado para a sociedade de amanhã ... que está em tão rígida transforma / não tem tempo para fazer isso...

então:: toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada ... a esta preocupação vital ... do homem pré-histórico de ... se conservar vivo. Vocês:: se lembram daquele primeiro texto que nós vimos aqui a respeito do estilo... há::... havia três ou quatro citações que faziam referência exatamente a isso que estilo mudava...

A conclusão preliminar a que se chega, a partir da análise de textos orais, é que a fluência é uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou “profissional” de um texto escrito ou em textos orais decorados e ensaiados.. O sujeito fluente é abstrato e, como bem observa Fillmore, integra-se em algum estilo de fala ou de comportamento social. No entanto, é com esta **abstração ou esta ilusão** - necessária, em termos de recorte epistemológico - que se trabalha quando se faz lingüística do texto (em boa parte das abordagens de Lingüística Textual), do enunciado ou da sentença.

A fluência falada é, assim, um ideal da escrita. A criança que gagueja não desemboca na teleologia do sujeito adulto fluente. O sujeito histórico fluente também é uma abstração. A linguagem em uso é faltosa e incompleta - os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala. Neste ponto, o que fazer com a hipótese da “pobreza do estímulo” - ou fala fragmentária- que admite, em última análise, que o falante/ouvinte ignora as disfluências - a não ser que elas sejam tão extremas a ponto

de comprometer o entendimento mútuo? O produto final da fala, altamente disfluente, sofre um processo de “edição” por parte do interlocutor. Seria de se pensar em disfluência de produção que se distingue de uma fluência da recepção? Haveria tipos diferentes de processamento automático da fala? Um para quem fala e outro para quem escuta? A diferença entre falar e ouvir tem que gerar necessariamente duas teorias pouco integradas?

Uma visão da linguagem que leve em conta a relação entre discursos como interpretantes evita, creio, que se faça uma divisão pouco econômica e pouco esclarecedora entre dois níveis distintos de processamento: um para a produção e outro para a recepção e que evite cindir a atividade lingüística entre a “perfeição do conhecimento” e a “imperfeição da produção”.

Além disso, como vimos acima, mesmo a não-isomorfia entre o físico/acústico e o auditivo/perceptual na fonética pode ser abordada com uma visão integradora, como a de Lindblom.

Fenômenos como os aqui tratados, pausas fora de lugar, hesitações, interrupções da cadeia de fala, inserções ou reduções de fragmentos, retomadas, repetições, falsos começos, reelaborações, etc., que configuram basicamente uma fala disfluente, foram tratados na literatura, inclusive por mim mesma, como “atividades epilinguísticas” (ver Scarpa, 1987): as que o sujeito faz com a linguagem, atuando consigo mesmo ou através da intermediação do outro, de discursos anteriores, da própria forma lingüística, etc. Estas atividades ou operações se oporiam às metalingüísticas (que se vinculam à construção, pela linguagem, de um sistema representativo-nocional que descrevem os fenômenos de linguagem observados pelo sujeito, colocando o sujeito fora da linguagem e trazendo a construção desse sistema pela própria linguagem) e as lingüísticas, atividades comunicativas e representativas, o sujeito na linguagem. Entretanto, esta divisão tripartite de atividades ou operações com a linguagem acaba sendo também teoricamente custosa, uma vez que envolve concepções diversificadas e ambíguas de sujeito e sua relação com a linguagem. Prefiro, aqui, considerá-las todas como atividades da língua, como uma maneira mais integrada de dar conta da fluência/disfluência.

Esta explicação alternativa encontra guarida no âmbito da análise do discurso. É iluminadora, a este respeito, a reflexão feita por Pêcheux (1981:) a propósito da primazia advogada por este autor da língua sobre a linguagem, o discurso, a fala, o texto e a interação conversacional:

“A consequência [desta primazia] é que toda descrição - quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual, não importa, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” - está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo

enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (lexico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”.

Ouso especular, dizendo que, se “*não há epilinguagem*” (glosando Pêcheux), então a cada ponto do enunciado em elaboração (certos pontos mais previsíveis que outros, por motivos *lingüísticos* isto é, fatores definidos lingüisticamente) depara-se com a possibilidade de escolha ou, nos termos de Saussure, com a concorrência entre formas possíveis de dizer (equivoco da língua). A epilinguagem, então, pode ser, entre outras, uma marca formal da “*deriva discursiva*”, nos termos de Pêcheux.

Também inspirada em Pêcheux, Lier-de Vitto (1994), estudando os monólogos da criança, observa que estas atividades são produções instáveis, nas quais o sentido não se define. Assevera:

pausas, hesitações, interrupções abruptas, seqüências de repetições e composições inesperadas caracterizam essas manifestações lingüísticas da criança. Ela “erra” demais, pára demais e repete demais.

(Lier-deVitto, 1994: 168; negrito da própria autora).

Advogando a não-consciência do sujeito uno, psicológico, a autora, aliás, se surpreende com o fato de que os monólogos tenham sido considerados, na literatura sobre aquisição da linguagem, exemplares de consciência lingüística (linguistic awareness). Porque o que se vê, segundo ela, é

um sujeito “fora de controle”, um sujeito que parece esvaír-se na voz, já que nela circulam falas dos outros.

(Lier-deVitto: 167)

Apesar de que os fenômenos descritos pela autora se refiram a textos monológicos em crianças pequenas, observo uma semelhança entre estes e os trechos disfluentes que ocorrem em situações dialógicas nos dados infantis (e, obviamente, a disfluência na fala adulta, como vimos, não é numericamente marginal, muito pelo contrário). Os trechos disfluentes mostram o descongelamento, os lugares de subjetivação, da língua formalmente à deriva, ao passo que os trechos fluentes, tais como mostrados acima, revelam partes congeladas (formulaicas), fragmentos de discurso postos em relação com trechos disfluentes, do falante ou do outro.

A propósito da extrema dispersão encontrada nos monólogos da criança, continua a autora:

quando uma cadeia é interrompida, sobram resíduos, que trarão relações outras.

Tais relações

trazem cruzamentos transgressivos, que perturbam a unidade do texto, geram dispersão. (...) o eixo da equivalência, ao conter a cadeia, põe o sentido em suspensão, cria “hesitação entre som e sentido” (palavras de Jakobson, 1960).

(Lier-deVitto, 1994:171; haspas, destaques e referência a Jakobson da própria autora).

As disfluências, tais como encontramos nos dados observados, “põem a nu a língua em funcionamento”, uma vez que

erros e reestruturações parecem deixar ver o funcionamento da língua que, ao por em relação elementos concretos da linguagem, desprezita sua “historicidade, burla a sintaxe e perturba o sentido. De todo modo, ele se dá mais a ver exatamente no efeito de desordem que opera sobre a materialidade da linguagem: nesse espaço de subversão, a língua pode operar o nonsense, abrir-se ao equívoco.”

(Lier-de Vitto, 1994: 172; negrito da autora).

Fazendo, então, um paralelo com as conclusões a que Lier-deVitto chega, pode-se levantar a seguinte hipótese, à luz dos dados por mim observados: fluência/disfluência indica diferentes relações do sujeito com a língua.

Maior fluência e maior estabilidade encontram-se em partes cristalizadas, “ensaaiadas”, fossilizadas, congeladas - blocos incorporados do discurso do outro colocados em relação de contiguidade ou substituição discursiva (Lemos, 1992). Mesmo em enunciados disfluentes, maior fluência e maior estabilidade prosódicas são encontradas nos lugares **nucleares** do grupo entonacional, fora, em princípio, das fronteiras da segmentação das unidades entonacionais, obviamente em enunciados mais longos. Corresponde, então, a uma estabilidade de proeminência entonacional e rítmica.

As disfluência exhibe pontos em que o sujeito se revela. As instabilidades fazem transparecer a “língua à deriva”, usando a metáfora de Pêcheux. Não quero dizer com isso que a disfluência não seja regrada. Na verdade, é nos trechos em que encontramos maior propensão à disfluência (isto é, aqueles “à direita” do acento nuclear) que se encontram processos fônico-prosódicos específicos, ordenados por regras rítmicas definidas pela grade métrica das línguas, que descrevem fenômenos como sândi externo (ou juntura externa) e aqueles que delimitam fronteiras de constituintes prosódicos (e sintáticos). Prosodicamente, a disfluência não ocorre nos trechos nucleares, mas nos periféricos e fronteiros, anteriores ao núcleo, isto é, nos pés fracos, anacrústicos⁵ dos limites entre grupos entonacionais.

⁵ “Anacrusis” é um termo usado nos estudos prosódicos para indicar a sílaba ou seqüência de sílabas não acentuadas - que compõem um pé silencioso, sem batida forte, segundo Halliday (1967) - situadas no *onset* de um grupo entonacional. Apresentam tendência a aceleração na velocidade de fala e,

Aproximando, então, som e sentido, poderíamos dizer que:

Subjetivação nas fronteiras da segmentação e nos trechos não-nucleares: aí ocorre a disfluência.

Estabilidade linguística no acento frasal - núcleo entonacional: aí a língua se impõe ao sujeito e não está à deriva. Daí a ocorrência de trechos fluentes, cristalizados.

Lembre-mos, neste ponto, da asserção de Lindblom sobre a sub-utilização, na dinâmica da fala, da aparentemente enorme liberdade de recursos que o sujeito tem a seu dispor. Restrições da ordem da língua - que se revelam, no caso de seus estudos fonéticos, nas tensões entre as necessidades de simplicidade e de complexidade articulatória - impõem limites às relações do sujeito com a língua. Assim é que, como vimos, a fluência articulatória (que exhibe mais casos de *undershooting* fonético ou, de acordo com Plunkett, de segmentação lexical) é compatível com menores demandas perceptuais do/ao sujeito.

Daí que mensurar traços “audíveis” e “visíveis” da disfluência é mesmo trabalho inútil e frustrante.

Apesar de não suficientemente explorada neste trabalho, a explicação esboçada acima não pretende separar conhecimento de produção, nem sobrecarregar a divisão pouco econômica entre produção e recepção. Mais: é uma explicação que tem a vantagem de poder dar ao termo “fluência” uma definição positiva e não negativa *a priori*.

Vale acrescentar que, segundo França (1986, 1994), do ponto de vista dos estudos de parsing, também seria custosa uma teoria de processamento que separasse produção de recepção. Mais uma vez, aliás, invocamos Lindblom, (1985), segundo o qual ouvimos o que queremos ouvir: a escuta é seletiva, guiada pela língua (isto é, por informações linguísticas).

UMA OBSERVAÇÃO PARALELA: FLUÊNCIA NA ESCRITA?

Há um mito corrente: o texto falado é disfluyente, ao passo que o texto escrito é fluente. Claro que a possibilidade de feedback na escrita é muito maior: pode-se ler o que se escreveu e ajustar as novas palavras ao já escrito.

Porém, na verdade, no produto final do texto escrito, apagam-se as sucessivas elaborações do texto. Falar de fluência na escrita é, mais uma vez, tomar o ponto de chegada como ponto de partida. Há pesquisas interessantes sobre processos de reescrita, por exemplo, algumas das quais foram apresentadas na mesa-redonda sobre Escrita e Re-escrita de Textos, reunidas neste volume (Fiad, 1995; Villemart, 1995). Ver também Fiad (1991; 1993; 1994).

segundo Cruttenden (1986), sua presença, junto com mudança tonal em sílabas não acentuadas e pausa, constituem critérios externos para a delimitação de unidades entonacionais.

Por outro lado, deve-se levar em conta que, do ponto de vista da boa formação informacional e da própria elaboração do texto escrito, a fluência na escrita envolve características próprias de textualidade - tais como coesão e coerência. Estas são construídas historicamente. Se se comparam expectativas de texto bem construído em épocas diversas, percebe-se que estas condições de boa formação textual divergem. Vejam-se, a título de exemplo, os textos *A dona pee de cabra* (constante da coletânea *Crestomatia Arcaica*, organizada por J. J. Nunes), que é de autor anônimo e que reflete bem o nascimento da prosa portuguesa, nos séculos XIII e XIV. Em seguida, a carta escrita pela poetisa Bárbara Heliodora a D. João Roiz [Rodríguez] de Macedo, em 1795, por ocasião do exílio de seu marido, o inconfiante Alvarenga Peixoto. Esta carta encontra-se exposta no Museu da Casa dos Contos em Ouro Preto.

(1) *A dona pee de cabra* (autor desconhecido, século XIV)

Dom Diego Lopez era muy boo monteyro e, estãdo huu dia en sa armada e atemdendo quamdo verria o porco, ouuyo cantar muyta alta voz huua molher em çima de huua pena e el foy pera lá e vio-a seer muy bem vistida e namorou-sse logo della muy fortemente e preguntou-lhe que era e ella lhe disse que era huua molher de muyto alto linhagem, e ell lhe disse que, pois era molher d'alto linhagem, que casaria com ella, se ella quisesse, ca ell era senhor daquella terra toda, e ella lhe disse que o faria, se lhe promettesse que numca se santificasse, e elle lho outorgou e ella doi-sse logo com elle. E esta dona era muy fermosa e muy bem feita em todo seu corpo, sauando que auia huu pee forçado, como pee de cabra. E viuerom gram tempo e ouuerom dous filhos e huu ouue nome Enhequez Guerra e a outra foi molher e ouue nome dona...

E, quando comiam de suu dom Diego Lopez e sa molher, asseetaua ell apar de ssy o filho e ella asseetauaapare de ssy a filha, da outra parte. E huu dia foy elle a seu monte e matou huu porco muy grande e trouxe-o pera sa casa e pose-o ante ssy hu sya comendo com ssa molher e com seus filhos, e lamçarom huu osso da mesa e veerom a pellejar huu alaão e huua podenga sobr'elle em tall maneyra que a podenga trauou ao alaão em a gargãta e matou-o. E dom Diego Lopez, quando esto vyo, teur-o por millagre e synou-sse e disse:

- Santa Maria, vall! quem vio numca tall cousa?

E ssa molher, quando o vyo assy sinar, lamçou mãao na filha e no filho, e dom Diego Lopez trauou do filho e nom lho quis leixar filhar, e ella rrecudio com a filha por huua freesta do paaço e foy-sse pera as montanhas em guisa que a nom virom mais nem a filha.

Depois, a cabo de tempo, foy este dom Diego Lopez a fazer mall aos mouros e prenderō-no e leuarō-no pera Tolledo preso. E a seu filho Enhequez Guerra pesaua muyto dessa prisom e veo fallar com os da terra, per que maneyra o poderia auer fora da prisom. E elles disserom que nom sabiam maneyra por que o podesse auer, saluando se fosse aas montanhas e achasse sa madre e que ella lhe diria como o

tirasse. E ell foi alaa_soo, em çima de seu cauallo, e achou-a em çima de huua pena, e ella lhe disse:

- Filho Enheguez Guerra, vem a mym, ca be sey eu ao que uees.

E ell foy pera ella e ella lhe disse:

- Vees a preguntar como tirarás teu padre da prisom.

Entom chamou huu cauallo que amdaua solto pello monte, que avia nome Pardallo, e chamou-o per seu nome, e ella meteo hua freo ao cauallo que tijnha e disse-lhe que nom fizesse força pollo desselar nem pollo desemfrear, nem por lhe dar de comer ne de beuer, nem de ferrar, e disse-lhe que este cauallo lhe duraria em toda sa uidas e que nuca emtraria em lide que nom vençesse delle. E disse-lhe que cauallgasse em elle e que o porria em Tolledo, ante a porta hu jazia su padre logo em esse dia e que, ante a porta hu cauallo o possesse, que alli decesse, e que acharia seu padre estar e huu currall e que o filhasse pella mão e fizesse que queria fallar com elle e que o fosse tirãdo comtra a porta hu estava ho cauallo e que, des que alli fosse, que cauallgasse em o cauallo e que possesse seu padre ante ssy e que ante noite seria en sa terra com seu padre, e assy foy. E depois, a cabo de tempo, morreo dom Diego Lopez e ficou a terra a seu filho, dō Enheguez Guerra.

(2). Carta de Bárbara Eliodora a D. João Rodrigues(Roiz) de Macedo

Senhor João Roiz de Macedo

Meu compadre e Senhor da minha maior veneração, depois quazi do espaço de cinco mezes emque caçada deaflçoens tenho chorado ainfelicidade da auzencia demeio marido tão bem passo pello disgosto departir o Sor. Rdo Pe Custododo deste País não como eu dezejava sendo disto cauza oter deixado seu compadre aanno etanto sua fabrica por mãos alheas porem se o dito Sor Pre. demorase mais algum tempo apezar detudo seria embolsado.

Não preciso dar pte a Vossa Mercê do que metem acontecido porque vm detudo hade estar inteirado e eu entraria emhum grde desfalicimto, não conhecece aconsciencia de seu Comp- não confiase damta honra e generozidade de vm de quem me valho e espero todo o beneficio eamparo porq só do seo patrocínio pende toda a minha conservação Seu afilhado vive e por elle lherogo asua benção com omáis vivo dezejo da saude e felicidades de vm deque sou

Comadre amais obrigda

D. Barbara Eliodora Guilhermina da Silveira

Uma breve olhada nos textos nos mostra que o que se considera hoje um texto bem-formado não se sustenta nesta mudança de perspectiva histórica. Um dos detalhes que salta à vista são esquemas de coesão e coerência próximos da oralidade, sem falar, no segundo texto, de exemplos de ortografia não regulamentada. (Deve ser lembrado que o segundo texto foi higienizado com relação à ortografia quando de sua publicação).

Conforme afirma Franchi (1993), criticando as visões correntes de coesão e coerência e invocando a necessidade de repensá-las:

Desconfio muito de uma teoria estrutural do texto e da suposta "estrutura" a que chamam alguns "textualidade". Menos ainda tentarei explicá-lo, simulando formalmente matrizes abstratas e profundas que engendrem textos-tipo e caracterizem os textos como textos. (...) ... me convenci de que o complexo textual - em um sentido: estruturado - não se produz em forma suscetível a esse tipo de abordagem descritiva ou explicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE. *Elements of general phonetics*. Edinburgh University Press. 1967.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language*. Nova Iorque: Praeger. 1986.
- COUPER-KUHLEN, E. *An Introduction to English Prosody*. Londres: Edward Arnold. 1986.
- CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.
- FIAD, R. S. *Operações lingüísticas presentes na reescrita de textos*. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, AULP, no. 4, Lisboa. 1991.
- _____. *Um estudo de variantes textuais e sua contribuição ao ensino de língua materna*. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, 24, UNICAMP / IEL. 1993.
- _____. *O estudo de diferentes versões de um texto e a prática escolar*. **Estudos Lingüísticos. XXII Anais de Seminários do GEL**, vol. I. São Paulo, USP,. 1994.
- FILLMORE, Ch. *On fluency*. In **Individual differences in language ability and language behavior**. Nova Iorque: Academic Press, 85-101. 1979.
- FINN, P. & INGHAM, R. *The selection of "fluent" samples in research on stuttering: conceptual and methodological considerations*. In Healey, Ch (org.). **Readings on research in stuttering**. Nova Iorque: Longman Publishing Group, 91-109. 1991.
- FRANCHI, C. *Sobre a elaboração do texto escrito*. Comunicação apresentada no Seminário do Projeto de Aquisição da Linguagem, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, junho de 1993. 1993.
- FRANÇOZO, E. *Afasia e modularidade da mente*. **Boletim da Abralin**, 8, 63-76:1986.
- _____. *Ciência cognitiva: prospecção do solo lingüístico*. **IX Encontro Nacional da ANPOLL**, Caxambu, junho de 1994. 1994.
- KOCH, I. V. & PEREZ, M. C. *Mecanismos de elaboração do texto oral*. **VII Encontro da Gramática do Português Falado**. Campos do Jordão, 1992.
- HALLIDAY, M.A.K. *The tones of English*. 1967.
- LAVER, J. *The phonetic description of voice quality*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.
- LEMONS, C. *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio*. **Substractum**, 1, no.1. 1992.

- LINDBLOM, B. *Phonetic universals in vowel systems*. In Ohala, J. & J. J. Jaeger. **Experimental phonology**. Academic Press, 13-44:1985.
- _____. *On the notion of "Possible Speech Sounds"*. **PERILUS XI**, 41-63:1990a.
- _____. *Phonetic variation and selection*. **PERILUS XI**, 65-100:1990b.
- MARCUSCHI, L. A. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese de titulação inédita. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 1993.
- MENN, L. *Pattern, control and contrast in beginning speech. A case study in the development of word form and word function*. Tese de doutorado, Universidade de Illinois. 1976.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht, Foris Publications. 1986.
- NUNES, J.J. **Crestomatia Arcaica**. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1906.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso. Estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora Pontes. 1990.
- PETERS, A. **The units of language acquisition**. Cambridge University Press. 1983.
- PETERS, A. & MENN, L. *False starts and filler syllables: ways to learn grammatical morphemes*. **Language**, 69, 742-777:1993.
- PLUNKETT, K. *Lexical segmentation and vocabulary growth in early language acquisition*. **Journal of Child Language**, 20, 43-60:1993.
- SCARPA, E.M. *Aquisição da linguagem e aquisição da escrita: continuidade ou ruptura?* **Estudos Linguísticos**, . **Anais do Seminários do GEL**. 1987.
- _____. *Organizações rítmicas na fala inicial*. **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Universidade Federal da Paraíba. 1995.
- SCLIAR-CABRAL, L.; MARTIM, E. & CHIARI, B. *Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa*. **Anais do IV Encontro Nacional de Linguística**, PUC- RJ, setembro de 1981. 1981.
- SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MA, MIT Press. 1984.
- YAIRI, E. & LEWIS, B. *Disfluencies at the onset of stuttering*. In Healey, Ch. (org.). **Readings on research in stuttering**. Nova Iorque, Longman Publishing Group, 55-60:1991.
- VILLERMART, *O processo da escrita do texto literário*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, nº 29. IEL/ UNICAMP. 1995.
- DE VITTO, M.F.L. *Os monólogos da criança. "Delírios da língua"*. Tese de doutorado inédita. IEL, UNICAMP. 1994.
- WATERSON, N. (1971). *Child phonology: a prosodic view*. **Journal of Linguistics**, 7. 1971.